

RESENHA

MÜLLER, Adalberto. *Linhas imaginárias: poesia, mídia, cinema*. Porto Alegre: Sulina, 2012. Série Imagem-Tempo. 231p.

POESIA E MÍDIA

Isa Maria Marques de Oliveira¹

Adalberto Müller é pós doutor (PDE-CNPq) pela Universidade de Münster e doutor em Letras (USP). Professor de Teoria Literária e de Cinema e Literatura na Universidade Federal Fluminense. Autor e diretor de curtas metragens. A obra de Adalberto Müller é ensaística e faz uma aproximação interdisciplinar entre literatura e comunicação, em que aborda temas como convergência e intermedialidade, cujos apontamentos mostram que a “experiência literária não está aprisionada à materialidade da forma-livro” (FELINTO, 2012, orelha) conforme explicita Erick Felinto sobre o ensaio. A obra é um convite ao leitor a ter um olhar atento para a dimensão estética e tecnológica que enriqueceram e transformaram a produção literária e cinematográfica. Além disso, os signos e seus sentidos são “cada vez mais constantes entre as diferentes mídias” (FELINTO, 2012, orelha). O autor discorre sobre as dimensões concretas de como a materialidade dos suportes foi e continua a ser responsável por transportar esses sentidos até o receptor. Os meios como suportes, segundo Müller, se tornaram um dos fatores preponderantes para as transformações que a poesia vem sofrendo com as tecnologias. O autor inicia o ensaio com um prefácio explicando o título da obra que, trata de um divisor invisível entre campos, cuja fronteira não limita e nem impede o trânsito ou passagem entre diferentes expressões da linguagem. Ele faz uma comparação com um nômade, aquele que não tem lugar fixo, mas transita entre diversos lugares de passagem caracteri-

¹ Mestranda em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais — CEFET/MG — Departamento de Estudos de Linguagem e Tecnologia — Letras/Mestrado. Belo Horizonte/Brasil. E-mail: poetaisa@yahoo.com.br

zando a poesia como uma linha imaginária “da letra para a voz, da voz para a imagem” (MÜLLER, 2012, p.8). A mídia por ser um espaço de circulação, sua hibridização é vista como um “sincretismo midiático” em que o livro vira filme, o filme vira poesia (cinema de poesia), a música vira poesia (canção) e por aí vai o “pensamento de fronteiras” (MÜLLER, ibidem). O livro é dividido em duas partes, a primeira intitulada “teorias”, que faz uma análise teórica, conceitual e discursiva sobre a poesia e a mídia, seus processos de transição e articulação com as transformações advindas do mundo moderno. A leitura perpassa por uma análise conjuntural de ambas (poesia e mídia) no contexto da estética da produção cultural de massa. Nesta primeira parte do livro, o autor levanta questões sobre “O que é a poesia?” (MÜLLER, 2012, p.12), em que o importante é situar a poesia hoje, as suas “fronteiras do discurso da poesia com outros discursos estéticos/culturais” (MÜLLER, 2012, p.12). Segundo o autor, deve-se situar as relações entre poesia e mídia, e suas possibilidades, estabelecidas através de estudos de “poesia sonora, ‘cinema de poesia’, videoclipe, poesia performada, canção popular, rap” (MÜLLER, ibidem) e estas observações distintas permitem um olhar transdisciplinar sobre essa análise correlacional. Segundo Müller (2012), “a poesia não se limita ao livro, portanto diferentes mídias criam diferentes tipos de poesia” (MÜLLER, 2012, p. 19). O autor faz um recorte da teoria da mídia para uma melhor compreensão da vida contemporânea, os processos que foram necessários para entender como as mídias passaram pela convergência, como foi possível juntar diferentes linguagens e diferentes suportes, e isto não é um fenômeno recente conforme demonstra o autor ao longo do ensaio. Nessa primeira parte ele percorre por autores teóricos como Walter Benjamin, Vilém Flusser, Siegfried J. Schmidt, Macluhan, Baudelaire, Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss, Stierle, Gumbrecht entre outros. Müller (2012) se baseia na teoria de Siegfried J. Schmidt, o teórico do construtivismo sistêmico, que defende a ideia de que “não há comu-

nicação sem uma mídia (*Medium*)” (MÜLLER, 2012, p.16). Schmidt foi um pesquisador e teórico que fez um estudo dos processos e funcionamentos dos sistemas literários, através de pesquisas históricas de diferentes discursos, na qual inseriu a questão sobre “o lugar da poesia no mundo contemporâneo” (MÜLLER, 2012, 18). É a partir dessa perspectiva teórica de Schmidt que Müller (2012) formula suas hipóteses, como proposta de observação e análise no livro. Outra linha teórica seguida por Müller (2012) são os estudos de estética da recepção e estudos culturais e literários dos estudiosos alemães (o *Media Turn*). Na segunda parte, as “práticas”, são feitas análises aplicadas ao cinema em que há convergência com a poesia e literatura. De Baudelaire a Glauber Rocha e Pier Paolo Pasolini, o autor faz um estudo da construção das imagens como forma de representação poética na tela. A contribuição significativa da tecnologia como fator de alcance entre diferentes mídias para a convergência ocupa um lugar de interesse na compreensão dos processos de transformação em relação a outras mídias. O autor conclui a segunda parte sobre cinema e poesia, onde o cinema é a tradução da realidade, e a poesia retira o cinema do eixo da industrialização, tornando-o “cinema de poesia”, um cinema Cult, e que “o cinema pode se tornar poesia” (MÜLLER, 2012). Para Müller (2012), o cinema pode ser uma produção poética, não apenas cinema comercial, “Filho da indústria moderna, o cinema, ao se tornar poesia, transforma-se na possibilidade última de poetizar a própria indústria.” (MÜLLER, 2012, p.223). Acerca do processo de convergência midiática, o autor chega à conclusão de que “nem todo meio é necessariamente uma mídia (*Medium/Medien*). O conceito de mídia está necessariamente ligado aos conceitos de cognição, informação e comunicação” (MÜLLER, ibidem). Para ele, a mídia é um ‘elemento’ de relação com outros campos e outros sistemas signícos. Para Müller (2012), a convergência das mídias se pauta na hibridização, em que, por exemplo, a poesia pode ser concebida em diversos e novos suportes,

sendo ela constantemente reinventada. O exemplo demonstrado pelo autor é o videoclipe, em que questiona inicialmente a qual gênero discursivo se enquadraria, porque o clipe é um mistura de cinema, música e televisão. A TV é o meio pelo qual o clipe foi feito pra ser veiculado, apesar de que nos tempos modernos há outros diversos suportes e o cinema se encaixa nesse processo de produção, que requer uma estrutura como atores, filmagem, gravadora de música, músicos, produtores, fotógrafos, técnicos de imagem e som. Essa experiência simples demonstra como diferentes mídias convergem em torno da construção de uma poética. A expressão poética presente na canção (música) e no cinema ali conjugado como performance da palavra cantada) se transformam no videoclipe. A partir dessa concepção de convergência, Müller (2012) transporta toda a análise que envolve poesia e mídia. Inclui na sua análise o surgimento dos novos suportes à palavra escrita, sejam eles de tecnologia analógica ou digital. Ele cita como exemplo o CD Rom, em que há a transposição do texto escrito para o texto sonoro ou falado, fonografia. Müller (2012) transporta o conceito de mídia para uma concepção de mudança no uso dos meios tecnológicos como novas formas de representação poética da poesia. O objetivo da obra é compreender um campo comum às letras e ao cinema, os estudos literários, os estudos de mídia e intermedialidade. O autor busca mostrar que o conceito de mídia não está única e exclusivamente ligado à comunicação, tampouco à comunicação de massa. Para ele, literatura e cinema devem ser compreendidos como mídias numa inter-relação de diversos formatos que ele caracteriza de intermedialidade. A intermedialidade abrange os estudos de imagem técnica e velocidade que não se circunscrevem apenas às questões de estudos de estética. Segundo Müller (2012), a intermedialidade pode ser definida como a relação estabelecida entre diferentes mídias (livro, cinema, TV, rádio, internet, teatro, som etc) e produtos midiáticos através de processos híbridos e adaptações. O ciberespaço é considerado como interme-

dialidade secundária pela coexistência de várias mídias simultâneas. O autor não aprofunda a discussão sobre a cibercultura como um dos exemplos de convergência mais atual. Ele apenas considera a convergência entre duas mídias para explicar o caso da poesia e cinema. O conceito de mídia que ele aborda nas análises é circunscrito apenas aos suportes como TV, rádio, máquina fotográfica exclusivamente. Ele não considera o computador como um produtor poético exclusivo. Para Müller (2012), a literatura e a mídia representam campos de dominância na atual sociedade, e buscar entendê-las é o motivo que o levou a fazer os estudos de intermedialidade, para compreender a dinâmica da cultura da convergência. Esse processo tornou as artes, a literatura (a poesia, em especial) e as mídias reflexos dos meios de produção, e converteu os estudos literários em estudos de mídia. O ensaio de Adalberto Müller (2012) trouxe reflexões sobre aspectos positivos da convergência das mídias e como isto contribuiu no construto da obra poética em diferentes suportes e mídias.

Referência

FELINTO, Erick. [orelha]. In: MÜLLER, Adalberto. *Linhas imaginárias: poesia, mídia, cinema*. Porto Alegre: Sulina, 2012. Série Imagem-Tempo. 231p.